

“VOCÊ VAI FAZER ENGENHARIA, MENINA?”- AS MULHERES E A PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA POLITÉCNICA

Raquel Guedes¹

RESUMO

A pesquisa em questão busca diminuir a lacuna da historiografia sobre a participação das mulheres na Escola Politécnica da Paraíba. Esta foi a primeira instituição de ensino superior de Campina Grande-PB a se consolidar. Criada em 1952 com o curso de Engenharia Civil teve sua primeira expansão com a criação dos cursos de Engenharia Elétrica (1963) e Engenharia Mecânica (1966). A criação e consolidação dessa instituição ocorre em uma época de crescimento da cidade de Campina Grande e também de fortalecimento de uma nova mentalidade e imaginário de cidade moderna. A Politécnica foi reconhecida ainda em fins dos anos cinquenta como uma das melhores instituições de ensino superior do Nordeste, atraindo assim, o público de estudantes masculino e também o público feminino. A importância deste trabalho está em descobrir como essas mulheres desbravaram os pudores da época em busca de um espaço profissional? Como influenciaram o público feminino da *posteriori*? Como as mulheres usavam de astúcias para se formarem nas engenharias da Escola Politécnica da Paraíba?

Palavras-Chave: Mulheres; Escola Politécnica; Conquista.

A Escola Politécnica foi a primeira instituição de ensino superior a ter seu projeto político pedagógico consolidado na cidade. Criada em 1952, com o curso de Engenharia Civil, só teve, devido a questões da burocracia da época, autorização para funcionar a partir de julho de 1954. Foi então neste período que se realizou o primeiro vestibular para a seleção de alunos, tendo sido aprovados apenas oito candidatos. Essa instituição conseguiu consolidar seu projeto político ainda na década de sessenta, sob a direção de Antônio da Silva Moraes. A partir de 1963, sob a Direção de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, ocorre a expansão de cursos e do corpo docente e técnico-administrativo, acompanhada também de expansão física do espaço.

Em 1974, com a reforma cêntrica colocada pelo Ministério da Educação, a Escola Politécnica deu origem ao Centro de Ciência e Tecnologia (CCT), e ao Centro de Ciências Humanas, do então campus II da Universidade Federal da Paraíba, hoje Universidade Federal de Campina Grande.

Entre a criação da Escola Politécnica e sua transformação em CCT (1952/1974) foram criados os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Pós-Graduação em nível de Mestrado em Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Pós-Graduação em nível de doutorado em Engenharia Elétrica; foram criados os cursos de Engenharia Mecânica; Processamento de dados (atual Sistemas de Computação); e Meteorologia. De 1976 a 1980 foram criados os

¹ PPGH-UFCG

cursos de Matemática, Física, Engenharia Química, Engenharia Agrícola, Engenharia de Materiais e Desenho Industrial.

O objetivo da pesquisa é investigar como as mulheres conseguiram se inserir neste espaço dito culturalmente masculino para participar academicamente dos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica da escola Politécnica durante os anos de 1952 a 1975.

É possível uma história das mulheres? Levando em consideração que até os anos oitenta a mulher era pensada conjuntamente ao homem devido as relações de dependência da mesma? (PERROT, 2005). Foi estabelecido de maneira radical, desde a antiguidade, a superioridade masculina, tendo as mulheres de aprender no silêncio. Tal aspecto é diretamente responsável pela dificuldade de achar fontes que identifiquem o cotidiano feminino e suas lutas.

A mulher seguia os termos de uma família patriarcal, onde o pai, seu tutor definia sua criação, educação, padrões comportamentais e casamento. O feminino era criado para os dotes do lar, não saía às ruas se não fosse acompanhada e em datas específicas. Na maioria das vezes era proibida de estudar, ou somente lhe permitido o acesso às primeiras fases da alfabetização e letramento. Não estudava por proibição ou por desestímulo. Sendo motivada ao aprendizado das prendas domésticas, sendo estas, costurar, bordar, cozinhar (CAVALCANTI, 2000).

A modernização permitiu a aparição feminina nas ruas, mas sua aceitação não foi unânime. Gilberto Freyre, por exemplo, condenava as práticas de aburguesamento e as novas tendências que ocorriam na sociedade, defendendo com afincos os moldes da família patriarcal. Por outro lado, não se podia frear o crescimento econômico, industrial, da urbanização e a consolidação do trabalho assalariado. Novos lugares e imagens eram instituídos a homens e mulheres e a educação feminina mudara (CAVALCANTI, 2000).

Para resguardar a mulher havia em casa e na rua o discurso político moralizante, médico higienizador e a advertência sobre o respeito e manutenção da moral e dos bons costumes. Ocorre que em uma sociedade moderna não se sustentava mais uma mulher sem qualquer instrução. Assim, o letramento feminino, a possibilidade de frequentar escolas e ter acesso à educação passou a ser cogitada e realizada. Esse momento histórico abriu portas para grandes conquistas femininas, e ocorre, desta maneira, a conquista moral e política do direito à educação, a frequentar as escolas primárias, a Escola Normal e seguir a carreira de docente, de profissional, caminhando a passos lentos para a emancipação.

A educação feminina foi um desafio, os avanços das tendências burguesas adentraram na questão educacional. Assim, escolas foram montadas para receber as crianças e os incentivos à educação foram lançados. Mas, e as mulheres? Inicialmente, as escolas eram para homens, após reivindicações, foram criadas as escolas para as crianças do sexo feminino (DEL PRIORE, 2011). Contudo o ensino ainda era diferenciado, uma vez que os meninos costumavam estudar matemática enquanto as meninas tinham aula de canto (PERROT, 2008).

A escolarização das meninas no primário ocorreu em 1880, em 1900 elas passaram a estudar o ensino secundário, apenas em 1950 no período entre guerras houve uma entrada maciça de jovens na universidade. Hoje, em determinados cursos, a presença feminina supera a masculina (PERROT, 2008).

No Brasil, os discursos de modernização eram recorrentes no século XIX, a partir de então foi dada ênfase à educação (DEL PRIORE, 2011). Pouco antes desses discursos, foi reivindicada a criação de escolas mistas, ou seja, com meninos e meninas estudando no mesmo local, isso porque “as mulheres não confiavam no ensino que se concedia a elas, temiam a desvalorização, reivindicavam a ‘coeducação’ dos sexos, os mesmos programas de espaços, que garantiriam certa igualdade” (PERROT, 2008:96). Esse foi um avanço muito promissor para as mulheres. As escolas passaram a ser mistas e o regime alcançou até o ensino superior, embora fosse pequeno o número de mulheres que chegavam a esse estágio.

Com a missão de modernizar o país por meio da educação, um incentivo foi dado com a implantação da Escola Normal, cuja pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar (LOURO 2011).

A conquista feminina estava limitada. Os discursos revelam práticas que tratavam de mantê-la à margem da sociedade, lembrando do seu papel de mãe e do lar. Seu profissionalismo era admitido sob circunstância de desvalorização, pois “quase sempre solteira, recebendo menos que os homens, ela é frequentemente nomeada para cargos em lugares distantes, às voltas com a desconfiança” (PERROT, 2008:127).

Os registros científicos mostram que ocorreu ao longo da história uma exclusão do gênero feminino em ciências como a medicina, matemática, física e em áreas tecnológicas como as engenharias. Há séculos as mulheres são discriminadas nas universidades. Na França, berço do ideal da igualdade, fraternidade e liberdade, até o ano de 1950 os alunos das universidades francesas poderiam trabalhar na universidade como monitores e após a graduação como docentes, mas as mulheres não eram convidadas para assumir tais cargos

profissionais. (SCHIEBINGER,2001). E no Brasil, cuja história do ensino superior é recente, menos de dois séculos, a história das mulheres no ensino superior ainda está por ser conhecida.

Os movimentos feministas foram responsáveis por tentar mudar essa realidade. Na Europa e nos Estados Unidos, as mulheres empreenderam suas lutas a partir da compreensão de que a mulher precisava ocupar mais espaços no mundo masculino, conquistar a igualdade de educação e oportunidades o quanto antes. As mulheres deveriam ser olhadas de outro ângulo e vencer as barreiras que a sociedade estava a impor (SCHIEBINGER, 2001).

As mulheres conseguiram adentrar nas graduações em áreas das ciências e exatas, mas sua admissão era limitada, pois a pós-graduação limitou a presença feminina. Os números colocam que 54% dos concluintes de graduação eram mulheres, no término do doutorado apenas 35% eram mulheres e na formação docente no ano 1995 apenas 11% de mulheres foram admitidas para ensinar nas universidades dos Estados Unidos. (SCHIEBINGER, 2001)

Na América Latina as mulheres que concluíram a graduação em cursos de enfermagem e engenharia civil foi de 80 e 50%, respectivamente, e a admissão delas enquanto profissionais foi de 35 e 23% (TABAK,2002). Alega-se que muitas dessas mulheres, que chegavam a exercer a profissão de docente nas universidades estavam ajudando os maridos em pesquisas e terminaram sendo contratadas, mas seus salários eram 20% menores que os dos homens. (SCHIEBINGER, 2001).

Para além desses impasse, ainda foi necessário lidar com a discriminação. Esta enfrentada pelas mulheres nas ciências e tecnologia, além da diferença de salários e a difícil admissão como profissionais, há uma vigência cultural que alega que uma mulher para vencer na vida tem que ser superdotada, esse fator faz com que elas tenham vidas triplas de profissional, esposa e mãe sem deixar um desses elos sem seu auxílio. (TABAK,2002).

Em 1991, cerca de 40% das mulheres das universidades dos Estados Unidos alegaram ter sofrido discriminação, 39% disseram que eram levadas menos a sério que seus colegas homens. Em 1993 43% das mulheres sofreram discriminação sexual no trabalho e cerca de três quartos foram assediadas ao menos uma vez durante sua formação médica ou por pacientes homens. Das mulheres engenheiras entrevistadas em 1991, foi concluído que diariamente haviam observações sexistas por parte masculina.(SCHIEBINGER, 2001).

AS MULHERES DA ESCOLA POLITÉCNICA

No Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), de onde analisamos toda a documentação que restou da Escola Politécnica, podemos datar que a primeira turma de engenharia civil é do ano de 1954, a primeira aluna a que tivemos acesso nos documentos foi Arlete Figueiredo no ano de 1956, porém a mesma desistiu do curso em anos posteriores e foi cursar Serviço Social, como afirma Ana Maria Vilar Campos em entrevista para o Projeto Memória: “na década de cinquenta cursou Arlete Figueiredo, ela cursou dois anos e desistiu porque foi fazer serviço social”, salientando que neste meio tempo a aquisição feminina era mínima ou inexistente e assim foi mantida até 1960 quando o fluxo feminino foi aumentando, de forma lenta, na Escola.

Na década de cinquenta, a presença feminina foi marcada na figura de Arlete Sales, após a sua rápida passagem, apenas Juliana prestou vestibular, mas não obteve aprovação e assim, apenas em 1962 houve o retorno feminino na Escola Politécnica, na presença de Ana Maria Vilar Campos e sua amiga, a quem chama carinhosamente de “Gracinha” (Maria das Graças Pedrosa) no curso de Engenharia Civil. Os registros são mais evidentes a partir de 1965 quando a Escola tem sua primeira expansão, três mulheres aparecem no quadro de alunas atuantes nos seminários e nos projetos de extensão, são elas Zélia Maria Agra de Oliveira, Tânia Quezado de Magalhães, essa sendo a única monitora até a década de setenta, e Ana Maria Vilar Campos, também com grande destaque, pois após o término do curso é estabelecida professora do laboratório de hidráulica até seu afastamento para cursar a pós-graduação no ano de 1971.

Começaremos, então, a situar essa estatística pelo processo seletivo do vestibular, em seguida número de alunos e por último, lista de formandos a presença da numeração de alunos e porcentagem de gênero:

Curso de Engenharia Civil

Vestibular	Inscritos	Homens	Mulheres	Aprovados	Homens	Mulheres
1966	80	74	06	26	25	01
1967	199	191	08	42	42	Nenhum
1968	90	83	07	–	–	–
1969	84	78	06	–	–	–

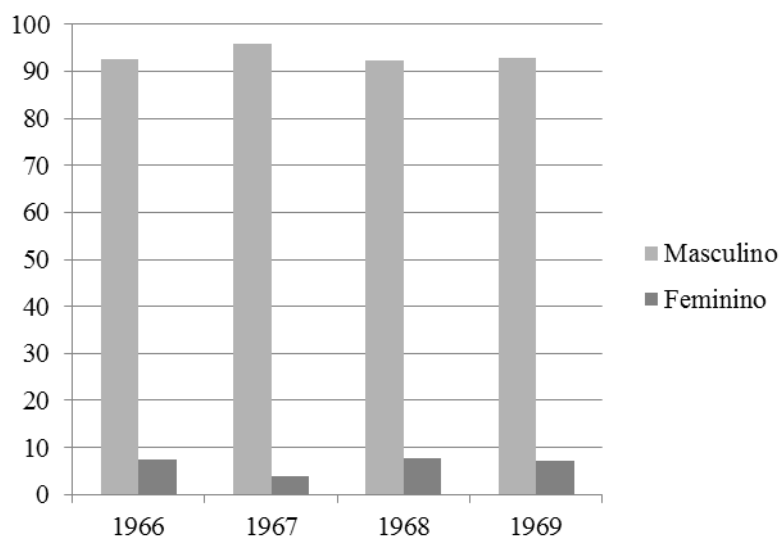


Figura 1. Divisão, por gênero, dos inscritos nos vestibulares para o curso de engenharia civil nos anos de 1966, 1967, 1968 e 1969 na Escola Politécnica, atual Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

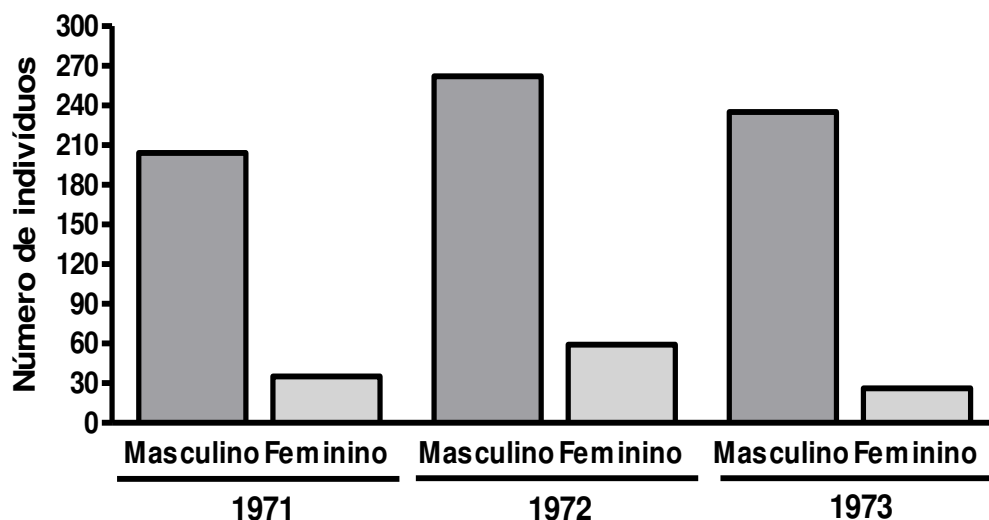
No quadro de funcionários, os números de mulheres são também reduzidos, em 1966, dos trinta servidores efetivos apenas oito eram mulheres e geralmente exerciam os cargos de secretárias, auxiliar da biblioteca e laboratório, inspetoras e datilógrafa. Para além destas, havia apenas uma professora efetiva até o momento, esta era Maria de Lourdes marques de Almeida.

Consequentemente, vemos nessa análise que a presença feminina é quase inexistente, as turmas não tinham alunas e quando tinham se tratava de uma ou duas dentro de uma sala com quase sessenta alunos, apenas uma professora estava no quadro de professores e as funcionárias não passava de sete diante de todos os servidores, que eram cerca de trinta e cinco. Porém, na década de setenta esse número cresce, com a fama da Escola Politécnica, há uma duplicação de números, que continua crescendo com os anos subsequentes, fato possível devido a fama da Instituição, aos avanços dados pelas primeiras mulheres e até ao crescimento da cidade de Campina Grande e da mentalidade local com todo o advento do discurso de modernidade.

No quadro seguinte, estão as informações com a numeração do processo seletivo dos três primeiros anos da década de setenta e sem seguida o quadro com porcentagem dos alunos inscritos e aprovados no vestibular nas mesmas datas:

Curso de Engenharia Civil

Vestibular	Inscritos	Homens	Mulheres	Aprovados	Homens	Mulheres
1971	239	204	35	68	57	11
1972	321	262	59	114	97	17
1973	261	235	26	–	–	–

**Figura**

2. Número de indivíduos inscritos de acordo com o gênero nos anos de 1971, 1972 e 1973 na Escola Politécnica, atual Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

Esse crescimento feminino na Escola Politécnica foi aumentando a cada ano, comparado a presença masculina nas engenharias, elas representam ainda uma minoria, mas perto do avanço dado enquanto mulher que está conquistando seu espaço dentro de um ofício até então considerado masculino, a participação das mesmas, trata-se aqui de uma vitória e um exemplo. Após 1976, com a reforma cêntrica a Escola Politécnica abre portas para ser o Campus II da Universidade Federal da Paraíba com a anexação dos cursos de humanas.”

Após essa breve recapitulação de dados, se faz necessário analisar algumas questões sociais, culturais, políticas e identitárias por trás desses dados no tocante a representação cultural e social que se deu com a presença feminina em um ambiente tido como masculino. Essa análise foi possível a partir dos depoimentos realizados em entrevistas pelo projeto e que oscilam em discursos que trazem como o ambiente no interior da Escola Politécnica se dava, como as famílias viam a escolha das filhas ao decidir cursar engenharia, a visão dos colegas e das próprias entrevistas. Assim, percebemos alguns episódios de glória, preconceito, aceitação e evolução.

Deste modo, os(as) entrevistados(as) durante as pesquisas do Projeto Memória deram depoimentos sobre a época em que trabalhavam ou estudavam na Escola Politécnica, enfatizando fatores como as relações com os(as) demais colegas de trabalho/estudo. Um fator comum na maioria das entrevistas destas pessoas é exatamente a aparente perfeição da época em que trabalhavam/estudavam naquela escola. Justamente uma época marcada no cenário brasileiro por manifestações de repressão por parte do governo (o golpe militar de 1964), e problematizada como local de desigualdades entre os gêneros.

Podemos perceber o espanto das pessoas com a presença de mulheres na Escola Politécnica, o mais enfático para nós esteve na fala de Ana Maria Vilar ao narrar como foi o dia em que prestou vestibular para Engenharia Civil em 1963. Ainda nesta fala pode-se perceber a mentalidade de boa parte da população em relação ao lugar no espaço que a mulher deveria ocupar a partir da fala da mãe da depoente e do desejo que esta tinha em ver sua filha fazer um curso de corte e costura:

Quando eu fui fazer vestibular era tanta gente na porta olhando, parecia que era um ET, mas acostumei. Mas a minha mãe, uma mulher com o segundo ano primário, era uma pessoa sem muita instrução, sem muita visão, ela dizia “ou minha filha eu preferia que você tivesse passado em um curso de corte e costura que era mais útil a você”. A gente queria estudar e ela era contra a gente estudar porque dizia que agente ia se casar e ter filhos, iam ser domésticas e precisavam aprender coisas que mulheres aprendem, a bordar, cozinhar, costurar, isso sim e não essas outras coisas, deixasse isso para os homens. (Catão, 2013:09).

Em outro relato, de modo singelo, a funcionária Maria Alencar Rolim, chamada de Cleise pelos mais íntimos, afirma que existia preconceito e dificuldade de aceitação feminina neste espaço ao relatar o porquê de a escola ter um número de mulheres pequeno em comparação aos homens.

Porque assim, durante muitos anos eram mais alunos que alunas na Politécnica. Primeira turma só homens. Segunda turma só tinham duas alunas. Duas alunas porque o resto mais era homem né? Ainda tinha preconceito naquele tempo, que Engenharia era só pra homem né? Era, pensava que antigamente, o pensamento do pessoal era que engenharia era pra homem né? Achava que era um curso de, assim muito pesado pra mulher. Aí depois não, depois foram chegando. (Rolim, 2013:03).

Durante a década de setenta com o aumento de vagas nas universidades, o número de mulheres cursando engenharia aumentou, porém ainda era de pequena quantidade como afirma José Sérgio:

As mulheres na época no curso de engenharia era uma coisa rara, porque a minha turma, nós entramos eram 150 alunos, entrou 75 no primeiro período, 75 para o segundo. E na época eu acho que nós tínhamos 5 ou 6 mulheres no curso de engenharia elétrica. Hoje em dia o número é bem maior e esse número também se repetia para engenharia civil, que era o curso que tinha na época também, e era bem pouca gente. Na época nós tínhamos a Poli e tínhamos a FACE, então na FACE, no curso de economia tinha mais mulheres e essas coisas todas, mas em engenharia elétrica era coisa rara, realmente. (Neto,2013:03)

Ao relatar como era a convivência com as mulheres entre os alunos dos cursos de engenharia, o ainda depoente José Sérgio alega não existir preconceito para com estas, mas as limitações de relação social era uma maneira de respeito:

Não tínhamos problemas não. É claro que existia uma diferença de formação, digamos assim. Há 40 anos atrás o relacionamento entre pessoas de sexo diferente não era tão aberto quanto hoje em dia. Tão aberto em termos de contar piadas, de chamar palavrão, essas coisas. Hoje em dia essas coisas ficaram normais, ou usuais, digamos assim. Existia um respeito, eu acho que era mais questão de educação, de formalidade, essas coisas todas. (Neto, 2013:04).

Por outro ponto de vista, conseguimos perceber a barreira de aceitação masculina para com o comportamento e com o convívio com as mulheres neste espaço a partir do relato de Ana Maria Vilar ao falar de como seu atual marido, na época namorado se sentia:

Eita, ele pegava ar, porque a namorada de todo mundo fazia pedagógica e ia casar e eu fazia engenharia e ainda queria fazer a pós e não sei o que, não sei o que, eu ia lá pro meio do mundo e ele ficava lá desesperado. Eu fumava dentro da universidade e ele ainda era do segundo grau, aí os caras da universidade, meus colegas eram amigos dele e falavam que eu fumava e ele dizia que sabia que eu fumava e eu fumava por todo canto e eu dizia para eles não ligarem com os caras porque eles estavam fazendo inferno. Aí, depois de um tempo passou, começaram a entender. (Catão, 2013:15).

Para além dos barrismos, podemos perceber a admiração a competência e postura feminina na Escola Politécnica a partir da fala do ex funcionário Marco Aurélio ao falar da secretária Rita de Castro, sendo esta conhecida pelo seu vigor e competência nas atividades da secretária da Escola Politécnica, alega-se que esta detinha o domínio de todos os funcionários e efetuava sua função com muito empenho:

Rita de Castro era basicamente a responsável por nós funcionários, principalmente os da secretaria. Ela tinha uma personalidade rígida, imponente, o que ela dizia estava dito, era muito correta com as coisas e a burocracia. Foi quem me ensinou o

que eu sei hoje em relação ao meu trabalho. Sempre faço tudo correto, pois aprendi com ela o rigor do ofício. (LEITE, 2013:05).

A partir dessa pesquisa, podemos perceber que a presença feminina nas engenharias sempre foi pequena se comparada ao público masculino, mas, após analisar essa evolução desde a criação da Escola Politécnica até o fim da mesma, percebemos que a presença feminina tratou-se de uma “luta” com a sociedade, família e amigos, de um desejo alcançado por esses exemplos de mulheres que correram em busca do seu sonho profissional e romperam barreiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, Silêde Leila. Mulheres Modernas Tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes- Campina Grande 1930/1950. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. 10 ed, São Paulo, Contexto, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. Ao Sul do corpo- Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.
- DO Ó, Edvaldo de Souza. Politécnica: Primeira Escola Superior de Campina Grande. Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda.
- LIMA, Rômulo de Araújo. A luz que não se apaga: a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico. Campina Grande: Eduepb, 2010.
- PERROT, Michelle. Minha História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.
- RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930. 3ed, são Paulo: Paz e Terra, 1997.
- SCHIEBINGER, Londa. O Feminismo Mudou a Ciência?. 2ed, São Paulo: Edusc, 2001.
- SCOTT, Jonh. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1990.
- TABAK, Fanny. O Laboratório de Pandora: estudos sobre ciência no feminino. 1ed, Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.
- THOMPSON, Paul. “A contribuição da história oral”. In: __. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.104-137.
- TORRES, José Valmi Oliveira. Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como pólo tecnológico (1952-1973). Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB. 2010.